

Um dia voltarei

Dom. 24/3/85

Ainda nesse ano, 1961, Eduardo Mondlane acompanhado de sua família visitou o seu País, vindo das Nações Unidas lá na América. As populações ficaram muito felizes.

Domingo A Igreja da Missão Suíça do Chamanculo estava pejada de gente: católicos, protestantes das várias seitas, muçulmanos, pagãos, ateus. Toda a espécie de gente e de crenças estava lá.

Para que fosse possível ouvir-se o que se faria lá dentro o professor Daniel Clerc mandara colocar altifalantes para o exterior em volta das frondosas árvores que ornamentavam os pátios da Igreja.

Não sei se alguém ligou importância à homilia do dia. Já nem sei quem foi o pastor que fez a pregação nesse dia. A juventude da Igreja cantou. A Comissão das senhoras da Igreja cantou. O povo que estava lá cantou. Fizeram-se orações.

Deu-se finalmente a palavra ao ilustre visitante.

Thandekile olhou para ele como se de um Deus se tratasse. Remexeu-se. Ficou atenta. Esqueceu-me dela. Ouvimos Eduardo falar.

— Meus irmãos: Sinto-me feliz por estar aqui convosco depois de todos estes anos de ausência.

«Ande, por muitas terras como ouviram dizer na minha apresentação aqui feita. Ouvi e vi muitas coisas. Terrei, talvez, oportunidade de vos contar um dia. Hoje quero contar-vos a história de um naturalista. Naturalista que criava e estudava animais.

Um dia decidiu apanhar uma águia enquanto era pequeno para fazer dela uma galinha. Para tal, criou-se junto às galinhas alimentando-a de farelo.

A águia foi crescendo manifestando-se como uma galinha.

Um dia o naturalista foi visitado por um amigo. Vaidoso da sua façanha levou o amigo a visitar a sua capoeira onde tinha a águia-galinha.

O amigo disse-lhe:
— Enganas-te. Uma águia é sempre uma águia. Ela nunca pode ser galinha.

— Bom — respondeu o naturalista — julgo que quem está enganado és tu. Eu fiz desta águia uma galinha.



EDUARDO CHIVAMBO MONDLANE

— Bem vejo que neste momento ela se comporta como galinha porque assim foi treinado. Mas se alguém a colocar no seu meio ambiente se lhe mostrar que não é galinha, ela voltará a ser águia. Porque águia é águia.

Houve uma grande discussão entre os dois amigos. Acabaram por fazer uma aposta.

Dizia o amigo ao naturalista:

— Vou provar-te em como esta ave é uma águia e não uma galinha.

— Veremos.
Fez-se a aposta.

De manhã muito cedo, o naturalista e o amigo levaram a jovem águia com comportamento de galinha para as montanhas. Chegando,

o amigo do naturalista pegou na ave e disse-lhe.

— Águia, águia... Tu não és uma galinha. Tu és uma águia. Os teus voam muito alto e comem carne viva. Tu não comes farelo. Tu não és uma ave de capoeira. Voa.

Dizendo voa, atirou a águia para o ar. Esta não voou. O naturalista encarou triunfante o amigo e disse-lhe: «Como vêes esta já não é uma águia. Mas sim uma galinha».

— Não tenhamos pressa, meu amigo. Tu levaste muito tempo a fazê-la galinha. Mas esse tempo todo não será necessário para que ela se torne de novo em águia.

Regressaram à casa. Nos dias seguintes o amigo do naturalista, com

a sua certeza no íntimo continuou com a experiência, sempre acompanhado pelo naturalista. Este exultava:

— Já te disse que isto deixou de ser águia. Isto é uma galinha.

Com o tempo, a águia começou a reagir. Bateu levemente as asas em pequenos voos. Quando lhe davam carne picava nela e engolia. Mas ainda assim o naturalista riase do amigo: Isto também uma galinha faz...

Num lindo pôr do sol o amigo do naturalista levou a águia para o ponto mais alto da montanha próxima, donde divisava outras águias a voar e a pairar na atmosfera colorida.

— Águia Olha. Aqueles são teus irmãos. Tu és águia e não galinha. Olha como os teus voam. Vá. Voa e siga-os.

E a águia voou. Primeiro hesitante. Depois convicta. Finalmente desapareceu nos altos céus.

O amigo do naturalista virou-se para aquele e disse:

— Bem te dizia. Águia é águia.
Eduardo Mondlane, finalizando o seu conto, disse:

— Foi o que se quis fazer de nós filhos da África. Quiseram retirar-nos o direito de seres humanos. Mas nós somos homens. Um dia meus irmãos, mostraremos ao mundo que somos homens.

Sei que há quem trouxe os seus «ouvidos» para escutar o que digo.

Tu tenho aqui um gravador que gravou tudo quanto falei. Resta-me agora despedir-me de vocês. Um dia voltarei.

Não havia polícia para afastar as pessoas que queriam tocar no visitante, os que o tinham conhecido na escola por onde passou, os que através daqueles ouviram falar dele, os que pastaram gado com ele. Muitos puderam comprimentá-lo com apertos de mãos. Outros limitaram-se a acenar como se pudessem ver um a um naquela multidão.

A festa terminou.

Na casa de Thandekile não se falou de mais nada durante aquele dia e os mais próximos. Ela aproveitou para repisar os seus eternos conselhos aos filhos:

— Viram meus filhos? Se vocês estudarem e não brincarem poderão ser gente como Eduardo Mondlane.

Alguns dias depois ouviu-se que a viatura em que Eduardo Mondlane seguia para Manjacaze, terra da sua naturalidade, tivera um acidente. Thandekile comentou:

— Seria de admirar que não o tentassem matar.

Eduardo Mondlane partiu de novo para a América. No ar e nos corações ficou a pairar a promessa um dia voltarei.

Thandekile lembrava aos filhos, com muita frequência, tudo isto. ■

UMA EXPLICAÇÃO

É preciso dar uma pequena explicação para que este texto seja enquadrado tal e qual se encontra.

Foi retirado de uma novela a ser publicada futuramente em que a personagem principal é Thandekile. Thandekile é uma mulher que nasceu e viveu no campo até aos dezasseis anos. Do campo foi para a cidade. Era compelesa e compelesa se manteve até ao fim da vida. Viveu na cidade de Lourenço Marques, sob a influência da assimilação, onde na década de 60, a luta clandestina pela libertação da Pátria se desenvolveu. Morreu em 1973, mas continuou a vida em todos os que a conheceram de perto por aquilo que deixou como marcas na sua passagem, por este planeta.

Teve uma filha a quem deu o nome de Bukutsa, que é através de quem o autor da novela ou romance transmite o que Thandekile deixou.

Neste texto, narra-se uma passagem da visita de Eduardo Mondlane, quando de férias, proveniente dos Estados Unidos da América do Norte, visitou o seu País natal, em 1961, e Thandekile ouviu-o.

A novela será publicada um dia. Narra-se a vida, experiências, paixões, aspirações e época vividas por Thandekile, com seus conflitos e realizações, caracterizando-se uma sociedade e, dentro dela, um classe social: a classe dos assimilados na cidade capital de uma colónia: a cidade de Lourenço Marques.

O porque da publicação deste extracto?

Bem, é uma experiência a transmitir.